

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Clarissa Carvalho Amorim Gonçalves

**IDEIAS E PROPOSIÇÕES ESTÉTICAS/ARTÍSTICAS NO ENSINO-
APRENDIZAGEM EM ARTE**

Contagem
2020

Clarissa Carvalho Amorim Gonçalves

**IDEIAS E PROPOSIÇÕES ESTÉTICAS/ARTÍSTICAS NO ENSINO-
APRENDIZAGEM EM ARTE**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: Geraldo Freire Loyola

Contagem

2020

Nome: CLARISSA CARVALHO AMORIM GONÇALVES

IDEIAS E PROPOSIÇÕES ESTÉTICAS/ARTÍSTICAS NO ENSINO/
APRENDIZAGEM EM ARTE.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: APROVADA.



Professor Geraldo Freire Loyola – CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientador



Professor Mauricio Silva Gino – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da banca Examinadora



Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 1º de março de 2020.

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo sobre docência em Artes Visuais, reflexões teóricas, ideias e proposições para o desenvolvimento de materiais didático-pedagógicos para o ensino-aprendizagem em Arte, que podem auxiliar construção de conhecimentos estéticos/artísticos pelos alunos. O interesse por esse tema surgiu da observação da utilização de materiais didático-pedagógicos no trabalho com Artes Visuais e em conversa com professores. Para isso, este trabalho propõe a *Abordagem Triangular*, sistematizada pela professora/pesquisadora Ana Mae Barbosa e a *Cognição Imaginativa*, abordada pela professora/pesquisadora Lucia Gouvêa Pimentel como referências teóricas para professores na concepção e condução de experiências artísticas no ensino-aprendizagem. Expõe, também, pensamentos acerca de materiais didático-pedagógicos para o ensino-aprendizagem em Arte, tendo como base a tese *PROFESSOR-ARTISTA-PROFESSOR: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte*, do professor Geraldo Loyola, assim como ideias e proposições de artistas que, em suas produções, contribuem para a construção de conhecimentos estético/artísticos pelos alunos. O objetivo deste estudo foi o de desenvolver uma reflexão acerca das possibilidades de desenvolvimento, pelo professor de Arte, de materiais didático-pedagógicos alternativos e voltados para a realidade de cada escola e que contemplem, simultaneamente, os requisitos do componente curricular Arte.

Palavras-chave: Artes Visuais. Ensino/aprendizagem. Materiais didático-pedagógicos.

Abstract

This paper presents a study on teaching in Visual Arts, theoretical reflections, ideas and propositions for the development of didactic-pedagogical materials for teaching-learning in Art, which can assist the construction of aesthetic/artistic knowledge by students. The interest for this theme arose from the observation of the use of didactic-pedagogical materials in the work with Visual Arts and in conversation with teachers. To this end, this paper proposes the Triangular Approach, systematized by the professor/researcher Ana Mae Barbosa and the imaginative cognition, approached by the professor/researcher Lucia Gouvêa Pimentel as theoretical references for teachers in the conception and conduct of artistic experiences in teaching-learning. It also exposes thoughts about didactic-pedagogical materials for teaching-learning in Art, based on the thesis PROFESSOR-ARTIST-PROFESSOR: Educational-pedagogical materials and teaching-learning in Art, Professor Geraldo Loyola, as well as ideas and propositions of artists who, in their productions, contribute to the construction of aesthetic/artistic knowledge by the students. The objective of this study was to develop a reflection on the possibilities of development, by the art teacher, of alternative didactic-pedagogical materials and focused on the reality of each school and that contemplate, simultaneously, the requirements of the Art curricular component.

Keywords: Visual arts. Teaching / learning. Didactic-pedagogical materials.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE ABORDAGENS NO ENSINO- APRENDIZAGEM EM ARTE	09
2.1 Abordagem Triangular.....	10
2.2 Cognição Imaginativa.....	13
3. MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM EM ARTE	17
4. PROPOSIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS NO ENSINO- APRENDIZAGEM EM ARTE	23
5. CONCLUSÕES.....	31
REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende ampliar reflexões sobre como o professor, através de suas propostas de ensino, metodologias e experiências, pode desenvolver uma prática pedagógica significativa, por meio de materiais didático-pedagógicos, que ajude os alunos a se expressarem artisticamente.

Nem sempre a abundância de recursos e materiais didáticos conduzem -por si só - a experiências significativas. Além disso, muitos materiais didáticos podem ser concebidos em conjunto, entre professor e alunos, partindo de referências locais, ou seja, do entorno da escola e da comunidade onde residem. Dessa forma, o professor de Arte pode ser o propositor de material didático apropriado para suas aulas e projetos, considerando o perfil dos alunos e a realidade de cada lugar.

Para a realização deste estudo, procurou-se desenvolver uma reflexão a respeito da construção de materiais didático-pedagógicos pelos professores em suas práticas pedagógicas no ensino de Arte. Para além desse objetivo maior, buscou-se, especificamente, discutir a importância dos materiais didático-pedagógicos do componente curricular Arte, pautada em conhecimentos prévios sobre o que será lecionado; apresentando concepções, ideias e proposições para a elaboração de materiais didático-pedagógicos; como, também, tratar dos conhecimentos e abordagens sobre Artes Visuais, especificamente as Abordagem Triangular e Cognição Imaginativa. Estes aspectos podem apresentar um entendimento maior acerca do desenvolvimento de uma prática significativa por parte dos professores, que faz com que os alunos sejam capazes de construir conhecimento sobre artes visuais.

Uma das justificativas para a realização deste estudo está na condição de desvalorizada em que se encontra a Educação no país, sobretudo a desvalorização do professor, seja moral, financeira ou intelectual. Outra questão que também justifica o desenvolvimento deste estudo é a contribuição para uma construção do ensino-aprendizado em Arte, em qualquer etapa de ensino.

A metodologia adotada para a realização deste estudo se constitui de uma pesquisa bibliográfica para a compreensão do ensino-aprendizagem em arte por meio de materiais didático-pedagógicos.

Assim sendo, o marco teórico deste trabalho se embasa nos pressupostos dos seguintes autores: Loyola (2016) e Barbosa (1991), que discutem sobre a construção de materiais didáticos e a *Abordagem Triangular*, e os aspectos que envolvem a prática pedagógica de mediação de construção de conhecimento em artes.

Este trabalho constitui-se, portanto, das seguintes partes: no primeiro capítulo, se encontram as abordagens do ensino aprendizagem em Arte que auxiliam a construção de conhecimentos estéticos/artísticos pelos alunos. Neste, também estão as apresentações da *Abordagem Triangular* e da *Cognição Imaginativa* e como essas abordagens auxiliam os educadores na elaboração de propostas metodológicas que visem à criação de experiências artísticas por parte dos alunos.

No segundo capítulo, foram apresentados pensamentos acerca de materiais didático-pedagógicos para o ensino aprendizagem em Arte, enquanto propositores de experiências estéticas/artísticas em/sobre/com artes visuais.

E, por fim, no capítulo três, encontram-se ideias, proposições e também artistas que, em suas produções, contribuem com condições para a construção de conhecimentos estético/artísticos pelos alunos, auxiliados pela *Abordagem Triangular* e ou pela *Cognição Imaginativa*.

A conclusão, ao final, destaca as contribuições possíveis para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa por meio da utilização de materiais didático-pedagógicos nas práticas pedagógicas pelos professores no ensino-aprendizagem de Arte.

Conforme pode ser observado no estudo a seguir, procurou-se fazer aqui uma discussão sobre como os materiais didático-pedagógicos, contribuem no ensino/aprendizado em Arte. O estudo apresenta possibilidades na prática pedagógica do professor de Arte, voltada a cada realidade escolar que, por meio de questionamentos e experiências; possa auxiliar no desenvolvimento do pensamento artístico, podendo contribuir na vivência em sociedade dos alunos, seja na criação artística ou com pensamento crítico.

2. Reflexões teóricas sobre abordagens no ensino aprendizagem em Arte

Este capítulo aborda aspectos teóricos fundamentais para o ensino-aprendizagem em Arte, focando especificamente em duas linhas teóricas: na *Abordagem Triangular*, sistematizada pela pesquisadora Ana Mae Barbosa, e na *Cognição Imaginativa*, contextualizada pela professora Lucia Gouvêa Pimentel.

Segundo Freire & Horton (2003) “é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento”.

Diferente das outras áreas do conhecimento, a Arte não cabe em roteiros preestabelecidos, uma vez que envolve a subjetividade e a bagagem cultural de quem a cria e produz. É fundamental que o professor de Arte seja uma pessoa inserida no contexto artístico, que produza arte, que experimente, pois isso facilita na criação de metodologias e na condução das experiências com os alunos.

Nesse sentido, o professor-artista tem mais possibilidades de pensar ideias e ações para desenvolver com os alunos, uma vez que o trabalho no atelier conduz a experimentações que podem ajudar nas práticas em sala de aula.

“Por isso a gente fala muito na importância de ser professor-artista, porque não adianta ter uma carga teórica muito grande, você saber muito da teoria quando, na prática, tem uma deficiência. Então, assim é imprescindível que o professor produza ou tenha experiências artísticas.”¹

Ser professor-artista, vivenciar estéticas e levar à reflexão sobre fazer estético são aspectos que devem estar presentes na formação e na prática docente de um educador em Arte.

A prática instiga o aluno no seu imaginário, na sua formação cultural, trazendo essa memória para o processo de criação. Ostetto (2015, p. 164) ressalta que “refletir sobre os processos de formação, parar para pensar nas experiências vividas permite um movimento singular de investigação sobre os percursos pessoais”; possibilitando que auxilie na prática artística e no ensino-aprendizado.

1.1 Abordagem Triangular

¹ Trecho do filme Metodologias de Ensino em Artes Visuais - CEAD - EBA – UFMG. Duração: 12min15s. Direção: Edgar Paiva e Fabrício Andrade. Produção: Innovatio - Laboratório de Arte e Tecnologias para a Educação UFMG/EBA/CEEAV. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bOF4CKISy4&feature=youtu.be>> Acesso: 29/11/2019.

A *Abordagem Triangular* foi sistematizada pela professora/pesquisadora Ana Mae Barbosa, nos anos 1980. Essa triangulação é feita na integração de três eixos fundamentais do que Ana Mae crê como conhecimento em Artes: o fazer arte, contextualizar e fruir obras de arte. Segundo Barbosa (2008, p.338), a *Abordagem Triangular*, ao relacionar as três ações básicas, conduz a possibilidades de se considerar arte como cognição e expressão.

A Abordagem Triangular foi originalmente constituída de uma dupla triangulação: a primeira, de natureza epistemológica, ao designar os processos de ensino e aprendizagem por três ações mental e sensorialmente básicas: criação no fazer artístico, leitura de obra de Arte e contextualização; a segunda, refere-se a sua origem, baseada nos princípios de três outras abordagens: as *Escuelas al Aire Libre*, mexicanas, O *Critical Studies* inglês e o Movimento de Apreciação Estética aliado ao DBAE (Discipline Based Art Education) americano. (BARBOSA, 1998, p34-35)

As três ações básicas propostas na Abordagem Triangular permitem que o aluno tenha a possibilidade de expressar suas manifestações artísticas de várias maneiras, aprendendo e desenvolvendo cognitivamente. Também amplifica a fruição estética/artística do aluno e proporciona uma maior interdisciplinaridade, levando ao aluno a possibilidade de conduzir o conhecimento a solução de problemas complexos na vida adulta, uma vez que aborda ângulos diferentes de uma mesma situação, tornando a aprendizagem completa e, principalmente, relacionada à realidade do aluno.

A Abordagem Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da arte, ou seja, entre as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das quatro ações decorrentes: decodificar, experimentar, refletir e informar. (BARBOSA, 2008, p.345)

Uma das ações básicas proposta na *Abordagem Triangular* é o fazer arte. Essa ação se refere ao desenvolvimento de proposições estéticas/artísticas em sala de aula.

O fazer artístico está ligado à experiência pessoal no processo de aprendizado, onde cada aluno, em seu particular, provindo de suas experiências anteriores, realiza, de modo único, a criação artística. Esta ação constitui o desenvolvimento

motor e psicológico do aluno, que alinha conhecimentos tanto conceituais quanto procedimentais, inventando tecnologias, adaptando materiais, articulando ideias.

No fazer artístico, o aluno sintetiza os elementos de suas experiências, representando-os em suas propostas estéticas/artísticas, que são de gosto pessoal e domínio, de acordo com seu estágio evolutivo. Por meio do fazer artístico, o aluno pode expressar seus sentimentos e ideias.

O erro mais grave é o de restringir o fazer artístico, parte integrante da triangulação, à releitura de obras. Outro é pensar que há uma hierarquia de atividades, isto é, primeiro a leitura da obra de arte, depois a contextualização e finalmente o fazer, a criação. Esta não é uma interpretação correta. (BARBOSA, 1998, p. 39)

Contudo, o fazer artístico, precisa estar interligado às outras ações da *Abordagem Triangular*, pois segundo Barbosa (1998, p. 40), “não se tratam de fases da aprendizagem, mas de processos mentais que se interligam para operar a rede cognitiva da aprendizagem”.

Outra ação básica proposta na *Abordagem Triangular* é a contextualização, que pode ser histórica, social, psicológica, antropológica, geográfica, ecológica, biológica, entre outras.

Contextualizar é estabelecer relações. Neste sentido, a contextualização no processo ensino-aprendizagem é a porta aberta para a interdisciplinaridade. A redução da contextualização à história é um viés modernista. É através da contextualização que se pode praticar uma educação em direção à multiculturalidade e à ecologia, valores curriculares que definem a pedagogia pós-moderna acertadamente defendidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). (BARBOSA, 1998, p. 38)

Ao contextualizar, o aluno procura designar as circunstâncias que estão ao redor de um acontecimento, situação ou fato. Ou seja, é uma forma de atribuir um melhor sentido a determinado assunto de forma que este seja inteiramente esclarecido. Ao contextualizar, relacionamos o nosso dia a dia, nossa visão sobre o mundo, com o conteúdo apresentado.

Contextualizar uma obra de arte para ser entendido, não precisa limitar-se às informações históricas e bibliográficas, mesmo que estas facilitem o seu entendimento. Ao aliar a prática à base teórica, acontece a interação com a obra,

que aplica conceitos estéticos e poéticos vistos na leitura e contextualização. Assim, é mais fácil de assimilar pelo o aluno, por meio da contextualização, modos e meios utilizados na obra, e traçar caminhos estéticos/artísticos similares ou novos.

A contextualização está intrinsecamente relacionada às outras disciplinas e não somente ao conteúdo de História da Arte, uma vez que, por meio da interdisciplinaridade, encontram-se suportes de conhecimento dentro da Arte. Ao conhecermos uma obra, esse aprendizado vem com uma carga social que permeia outros conhecimentos sobre uma época, pessoas, política, costumes entre outros. Aliados, fazem da aprendizagem, não somente uma disciplina presa a um modo de ver, mas, sim, um conteúdo de máxima amplitude no assunto. Barbosa (1998, p. 93) afirma que, “sem o exercício da contextualização corremos o risco de que, do ponto de vista da arte, a pluralidade cultural se limite a uma abordagem meramente aditiva”.

A outra ação básica proposta na *Abordagem Triangular* é ler obras de arte. Sugere-se a apreciação artística.

Apreciar, educar os sentidos e avaliar a qualidade das imagens produzidas pelos artistas é uma ampliação necessária à livre-expressão, de maneira a possibilitar o desenvolvimento contínuo daqueles que, depois de deixar a escola, não se tornarão produtores de arte. Através da apreciação e da decodificação de trabalhos artísticos, desenvolvemos fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade - os processos básicos da criatividade. Além disso, a educação da apreciação é fundamental para o desenvolvimento cultural de um país. Este desenvolvimento só acontece quando uma produção artística de alta qualidade é associada a um alto grau de entendimento desta produção pelo público. (BARBOSA, 1998, p. 18)

Ler obras de arte, não significa apreciar obras em museus, mas às experiências estéticas/artísticas de cada indivíduo em seu convívio na sociedade. A leitura vem do agrupamento visual adquirido pelo aluno, seja com apenas elementos da cultura de massa, ou mesmo, de referências de artistas locais. A leitura visual enriquece o aprendizado, trabalha a cognição artística do aluno. Isto se faz, pois, por meio dos conhecimentos preexistentes de obras e artistas, este consegue relacionar os conteúdos à outras obras, espaços e lugares, auxiliando a construção do ser do aluno, de como ele percebe o mundo e como se utiliza deste conhecimento para desenvolver diversas situações da vida social.

Por outro lado, as interpretações não estão sujeitas ao julgamento de certo e errado, mas podem ser julgadas por outros critérios, como os de serem mais ou menos convincentes, ou coerentes ou razoáveis, ou iluminadoras, ou abrangentes, ou inclusivas etc. Interpretações são qualificáveis e, portanto, algumas interpretações podem ser melhores que outras. Interpretações implicam visão do mundo, logo, podem haver interpretações contraditórias e competitivas de um mesmo trabalho. (BARBOSA, 1998, p. 46)

No desenvolvimento escolar, o aluno se depara com uma grande variedade de conteúdos que servirão de base para sua vida na sociedade. Para essa vivência, conhecimento e prática contribuem para a formação de cidadãos nos aspectos moral - visando a formação do indivíduo - e social, visando a participação do indivíduo na sociedade.

Segundo Barbosa,

Os alunos precisam de alfabetizar visualmente, dando ênfase na leitura de: palavras, gestos, ações, imagens, necessidades, desejos, expectativas, enfim, leitura de nós mesmos e do mundo em que vivemos. A alfabetização para a leitura da imagem é fundamental e a leitura da imagem artística, humanizadora (BARBOSA, 1995, p 63).

Desta forma, ao pensar nas aulas pelo educador, em ações dialogantes, que acontecem a todo o momento, o processo triangular precisa ser interligado, sem separar as fases ou distanciá-las, pois não possuem uma sequência pré-determinada. A cada aula, pode desenvolver sua prática pedagógica em qualquer uma das pontas da abordagem, sem desgaste ou perda da aprendizagem. Assim, o contexto se torna mediador e propositor, dependendo da natureza das obras, do momento e do tempo de aproximação do criador.

1.2 Cognição Imaginativa

Assim como a pesquisadora Ana Mae Barbosa, que sistematizou a *Abordagem Triangular*, a professora/pesquisadora Lucia Pimentel apresenta a linha teórica da *Cognição Imaginativa*, que contribui para com o processo ensino-aprendizagem na construção do conhecimento em arte.

Contextualizar, pensar, relacionar, fruir e fazer arte a partir da experiência é uma prática contemporânea para o ensino de arte, pois esse ensino exige que os sujeitos sejam protagonistas de seu conhecimento, de seu processo de criação. Para essa criação, é necessário que sejam acionados os conhecimentos já vivenciados e

construídos a partir das tensões subjetivas e corpóreas, bem como, para realizar e fruir produções artísticas, articular a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão. (PIMENTEL, 2013, p. 101)

A linha da *Cognição Imaginativa* não se opõe às outras linhas teóricas, mas se apresenta como outra possibilidade no ensino-aprendizagem, ligada à afecção e não à linguagem. Essa ligação está diretamente vinculada à percepção, experiência e imaginação no ensino-aprendizagem, levando o aluno à sua inserção no ambiente artístico e à construção do conhecimento estético em arte. A *Cognição Imaginativa* estimula a imaginação nos processos de criação e construção de conhecimentos artísticos. Assim como, auxilia no processo de ensino-aprendizagem trazendo vetores como a metáfora, a experiência e a imaginação, componentes que desenvolvem o pensamento estético/artístico. A experiência em arte está ligada à experiência estética. Na *Cognição Imaginativa*, segundo Pimentel (2016, p.17), “o ensino-aprendizagem via metáfora não é matéria de linguagem, mas trabalha com formas de pensamento”.

Assim Pimentel afirma que,

A experiência estética é desfrutada desde o nascimento, de várias formas. Na construção do conhecimento artístico estão presentes expressões artísticas diversificadas, que contribuem para o reconhecimento e a diversidade cultural e pessoal dos sujeitos. A estética também está relacionada às subjetividades e vivências cotidianas dos sujeitos, com sua intencionalidade com a composição artística, a fruição, a apreciação e a percepção. (2013, p. 98)

Em sua vivência, o aluno já se encontra em contato com a arte. Contudo, este, muitas vezes, não a percebe; o vê como um subproduto da sociedade e considera arte apenas obras e artistas de destaque mundial. Assim, ao desenvolver pensamentos artísticos, conforme propõe a linha da *Cognição Imaginativa*, se trabalha a originalidade como algo da origem do sujeito e cognição como criação, uma vez que a atividade cognitiva se dá na relação entre o original do sujeito e as possibilidades de apreensão do que se encontra no ecossistema. (PIMENTEL, 2016, p.12).

Por meio da imaginação, o aluno destaca pré-conhecimentos, experiências e aprendizagens adquiridas, e representa suas ideias nos processos de criação. O

conhecimento artístico é gerado por meio de inquietudes no processo do ensino-aprendizagem. Assim, tudo aquilo a que o aluno é exposto, em sua vida, serve de elementos para sua própria elaboração e criação imaginativa. Desta forma, o aluno ao se oferecer diferentes questionamentos que o leve a pensamentos artísticos, auxilia-o a desenvolver um ser crítico e contribuidor de pensamentos e atitudes, que melhorem a vida em sociedade.

Segundo Pimentel,

É nesse sentido que a linha da Cognição Imaginativa pode auxiliar o ensino/aprendizagem em Arte. Se a imaginação torna a criança mais forte para suportar a realidade, se desenhar não é fotografar com lápis – mas sim pensar a imagem - e se pensar a imagem é fator para a construção de conhecimento, a aprendizagem da produção imagética implica em função cognitiva. (2016, p. 19)

De tal modo, no ensino-aprendizagem, a *Cognição Imaginativa*, assim como a *Abordagem Triangular*, auxilia na criação de ideias e proposições estético-artístico para o educador utilizar em suas aulas.

Essas linhas teóricas possibilitam levar ao aluno por meio de questionamentos, experiências e contextualização, ao desenvolvimento do pensamento estético/artístico, o qual contribuirá com a vivência em sociedade, seja por meio de criações artísticas ou pensamento crítico.

Entende-se que essas abordagens auxiliam educadores nas propostas metodológicas para a criação de experiências estéticas/artísticas com os alunos, uma vez que, segundo Pimentel,

Na escola, as ações de ensino/aprendizagem em Arte precisam trabalhar com o pensamento artístico, levando em consideração que a Arte está em constante mutação e que a elaboração e a fruição artísticas dependem da articulação entre a percepção, a emoção, a sensibilidade, a investigação, a reflexão e a imaginação. (2016, p.16)

No ambiente escolar, os alunos, em simbiose com o professor, promovem interações que permitem o desenvolvimento do pensamento estético/artístico em instâncias não adquiridas em convívio social. Entendidos dos conhecimentos das linhas teóricas da *Abordagem Triangular* e *Cognição Imaginativa*, o processo de ensinar e aprender na

prática docente de um educador em Arte contribui em muito para a abertura de novos caminhos e possibilidades, “uma vez que é cada vez mais crescente o entendimento de que, para ensinar arte, não basta somente ter habilidade, mas sim conhecer, saber *arte*, e conhecer, saber *ensinar/aprender*” (PIMENTEL, 2006,p.311).

3. Materiais didático-pedagógicos para o ensino aprendizagem em Arte

A concepção de material didático-pedagógico está ligada, inicialmente, aos livros - ou aos suportes ligados a eles - e aos conteúdos propostos, como se toda a aprendizagem na sala de aula fosse responsabilidade do que se propõem nos livros. Contudo, podemos compreender que material didático-pedagógico vai além de um livro,

O material não pode se restringir a coisas, ou apenas mostrar uma obra de arte no livro, deve instigar e despertar a curiosidade dos alunos. Deve tocá-los esteticamente no sentido de provocar estímulos e interesse de saber do que se trata, do que é feito da possibilidade de experimentá-lo e compreendê-lo.²

Se um aluno vê uma obra num livro (uma escultura, por exemplo) sem depois proceder a qualquer análise ou trabalho sobre a mesma que seja, então não se pode considerar que o respectivo livro tenha a função de material didático, mesmo que este lhe possa fornecer informações em termos de cultura geral e ampliar a sua cultura literária na sua qualidade de leitor.

É considerado didático, no senso comum, o material que reúne, meios e recursos que facilitem e auxiliem o ensino e a aprendizagem. Porém, o material didático para Arte deve ser pensando como ideia, como provocação, como oportunidade para o envolvimento estético do aluno nas experiências propostas e, conseqüentemente, para a compreensão do seu processo criativo.

A noção de material didático remete a conceitos muito amplos e abrangentes como livro didático, instrumentos ou objetos de aprendizagem etc. A Arte envolve fenômenos peculiares e específicos, inerentes ao processo de criação e formação artística. Portanto, é importante que o material didático seja pensado, além dos instrumentos e coisas, como um conjunto de possibilidades de pensamentos que levem à reflexão do que seja ensinar/aprender Arte como conhecimento e como experiência de vida, e à produção significativa de outros materiais, ações e ideias adequados ao contexto de cada escola e de cada grupo de alunos. (LOYOLA; PIMENTEL, 2017.p101)

É de conhecimento para os professores o quanto o uso de materiais didáticos significativos estimula a aprendizagem, pois possibilitam o incentivo à criação, à

² Trecho do filme Abordagens sobre o Material- Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais-EBA- UFMG. Duração: 12min05s. Direção: Geraldo Loyola Produção: Innovatio - Laboratório de Arte e Tecnologias para a Educação UFMG/EBA/CEEAV. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eJ_m2DVeQvs>. Acesso: 09/12/2019.

interação e à troca de experiências. No entanto, não é qualquer material didático que contribuirá para o aprendizado, mesmo que seja pensado dentro das linhas da *Abordagem Triangular e Cognição Imaginativa*.

Deste modo, é importante que o professor,

seja uma pessoa envolvida com arte, que seja capaz de provocar estímulos e não apenas cumprir tarefas e distribuir atividades para os alunos. Quanto maior o envolvimento estético do Professor com a arte, maiores serão as oportunidades de pensar e propor experiências que estimulem nos alunos suas habilidades de criação e de senso crítico. (LOYOLA, 2016 p. 15)

Ao se compreender que material didático-pedagógico é um conjunto de proposições para o desenvolvimento de um conteúdo e que este precisa estar inserido no contexto da proposta e dos alunos, compreende-se a importância do pensamento artístico na elaboração dos materiais didático-pedagógicos. O material por si só pode não levar a experiências significativas, mas, associados a proposições de criação, agem como um fio condutor para gerar questionamentos e ações artísticas pelos alunos.

Por isso, os materiais didático-pedagógicos necessitam de que as práticas pedagógicas em Arte, valorizem o indivíduo como ser livre, ativo e social; de que haja a valorização da criança, dotada de liberdade, iniciativa e interesses próprios, sendo o principal sujeito de sua aprendizagem. O centro da atividade escolar não é o professor nem a matéria, é o aluno ativo e investigador.

A construção de conhecimento se dá na interação com o outro e com o meio, com a cultura. Implica em transformação e atuação sobre os saberes. A aprendizagem é um processo ativo, em que a estrutura cognitiva do sujeito estará em constante reajuste, de maneira criativa. O sujeito atua sobre o conhecimento, não apenas o “adquire”. Ele o transforma e lhe atribui significado. Tanto o conteúdo quanto o processo de aprender podem ser significativos. O uso de um objeto propositivo pode tornar mais significativo o processo de aprender conteúdos também significativos. (HOFSTAETTER, 2015, p. 9)

Desta forma, vemos que o material didático-pedagógico no ensino-aprendizagem de Artes possibilita desenvolver uma aprendizagem multidisciplinar. O professor é um direcionador do aprendizado, que leva além das questões práticas, mas ideias que estimulam o imaginário e o pensamento criativo dos alunos, conforme o contexto

cultural de cada lugar. Assim Loyola (2016) apresenta que, “É importante que o Professor escolha temas e procedimentos que estimulem os alunos a criarem o próprio trabalho, estabelecendo relações com a história da arte, com proposições de correntes estéticas diversas e com trabalhos e ideias de artistas”.

Na Pedagogia Crítica, vista nas obras de Paulo Freire, o desenvolvimento dos alunos se baseia na liberdade de pensamento, autonomia, pois estes se sentem mais propícios à participação, manifestando seus pensamentos e opiniões, uma vez que o professor possibilita o ambiente ao aluno.

Ao se trabalhar os materiais didático-pedagógicos como ideias ou objetos propositores em Arte, o professor possibilita que o aluno exercite o pensamento e o fazer artístico. Por meio da interação entre aluno/professor ou aluno/aluno, é importante que haja interação artística e social, levando a experiência da sala de aula a discussões em/sobre/com arte para a vida dos alunos. Os objetos propositores para o ensino-aprendizagem em arte são, segundo Hofstaetter,

objetos que realizam a função de mediação entre os sujeitos, o meio e os conhecimentos, incluindo a imaginação, a fantasia e a capacidade inventiva de cada um. Objetos propositores abarcarão as diferenças que constituem cada um, oportunizando novos agenciamentos e diálogos entre a multiplicidade e a pluralidade do laço social. Objetos propositores se abrem ao novo, ao inusitado, ao não previsto e não esperado. (HOFSTAETTER, 2017, p. 7)

Para o material didático-pedagógico conduzir a experiências de aprendizagem singulares e significativas, este se faz necessário estar contextualizado a realidade apresentada dos alunos. O professor, ao elaborar o material, precisa conhecer o ambiente no qual seus alunos estão inseridos, o fazer artístico nele presente, assim como instigar a fruição e contextualização das ações e obras realizadas. É importante levar referências artísticas para apresentar aos alunos.

Na prática pedagógica, o professor, por meio de artistas e obras, consegue desenvolver seus materiais didático-pedagógicos contextualizados e adaptados aos alunos. Seja por meio de artistas locais ou de destaque mundial, outros professores, ou até mesmo trabalhos desenvolvidos pelos alunos podem ser apropriados como objetos propositores para novas experiências.

Algumas correntes artísticas e seus artistas podem ser de grande inspiração para o desenvolvimento de materiais didático-pedagógicos. Um exemplo disso é o artista

britânico Andy Goldsworthy que, em seus trabalhos, envolve materiais naturais como folhas ou galhos e pedras dispostas em composições com o próprio ambiente. Os materiais são encontrados no próprio ambiente e as obras ali são executadas. Este artista, assim como outros que trabalham com a *Land Art*, apresenta perspectivas de utilização de materiais não tecnológicos para a composição de propostas de materiais didático-pedagógicos que proporcionam questionamentos e ações artísticas pelos alunos. Este desenvolve o pensamento artístico crítico e a imaginação, além de possibilitar uma visão aos alunos para além de materiais como tintas, lápis e outros, trabalhando em conjunto com o pensamento ambiental, seja ele local ou global.

Estes exemplos abrem possibilidades de inspiração para a produção de diversos objetos propositores pelos professores sejam estes naturais, recicláveis, corporais, abarcados por referências de artistas ou pela própria vivência do professor ou do aluno.

Outro artista que serve de inspiração para a produção de materiais didático-pedagógicos é o brasileiro Vik Muniz, que é conhecido por usar materiais inusitados em suas obras, como lixo, açúcar e chocolate. As propostas apresentadas pelo artista envolvem materiais do cotidiano, que podem ser atribuídas em proposições de materiais didático-pedagógicos que possam abordar, tanto Arte, como também outros componentes curriculares, envolvendo um grupo de competências que auxiliam no ensino-aprendizagem.

Estes exemplos apresentam contribuições para o desenvolvimento de materiais propositores. Contudo, além de artistas já conhecidos, inspirações podem ser tiradas da própria comunidade onde a escola está inserida. As pessoas da comunidade, assim como outros professores, servem de inspiração para o desenvolvimento de materiais, pois professores de outras áreas do conhecimento podem contribuir apresentando dentro daquele componente curricular, sua vivência pessoal ou profissional. Essas trocas de experiências e socialização se abrem em várias vertentes, oportunidades para se desenvolver materiais didático-pedagógicos que criem questionamentos, ações artísticas e aprendizagens significativas.

Nem sempre um material didático de Arte produzido para uma modalidade ou ano de ensino poderá ser abordado de forma semelhante em todas as escolas, em função da diversidade de

culturas, da proposição estética de cada abordagem, do perfil dos alunos, das estruturas físicas de cada lugar, das demandas sociais, costumes etc. Por isso, o professor é a pessoa mais indicada a pensar, pesquisar e produzir o material didático específico para suas aulas, articulando-o com os já existentes, de acordo com conteúdo, metodologias e contextos dos alunos e do ambiente.(LOYOLA; PIMENTEL, 2017. p. 101)

Diante disso, o professor precisa ser propositor de ações artísticas. E a prática da arte para o professor é uma condução para a criação de experiências em Arte, assim como, proposições para o ensino-aprendizagem. O fazer artístico desenvolvido pelo professor corrobora para concepções de propostas de ensino e de guia nas experiências com os alunos.

Sendo assim, segundo o Censo Escolar de 2019, alunos na Educação Básica com deficiência, tem aumentado nos últimos anos. Em 2018 foram feitas 1,2 milhão de matrículas, seja de classes regulares ou especiais, 33,2% em relação ao ano de 2014. Desta forma, vale salientar que, no preparo das aulas, assim como no desenvolvimento de materiais didático-pedagógicos seja levado em conta, também, a utilização dos mesmos para alunos com deficiência. Isso se faz, pois, no processo de criação de materiais didático-pedagógicos, muitas vezes não se leva em conta alunos com deficiências, a não ser que já haja aluno em sala e seja criado e pensado para ele. Assim, quando for pesquisar e desenvolver os materiais, o professor precisa englobar possibilidades da inclusão para alunos com deficiências, aumentando, assim, as possibilidades de inclusão destes e também dos demais alunos na sociedade.

Ainda, conforme as entrevistas realizadas com os professores foi possível compreender que sem esses materiais didáticos adaptados se torna, muitas vezes, inviável o processo de ensino-aprendizagem, pois muitos alunos se sentem excluídos por não estarem participando da aula. Além disso, tais materiais didáticos são responsáveis por motivar e melhorar a autoestima desses alunos, contribuindo assim para a concretização da aprendizagem, aspecto evidenciado não apenas em relação ao educando com deficiência visual, mas a todos educandos em geral. (ASSIS et all.2015, p. 217)

Assim, vê-se que os professores em suas práticas pedagógicas, necessitam abarcar as variantes de alunos que possam encontrar e construir seus materiais didático-pedagógicos com a premissa da possibilidade da variação no ensino dos alunos, levando em conta, não somente o tempo único de aprendizagem de cada aluno, mas o processo de aprendizagem de cada indivíduo.

Essas percepções auxiliam no processo educacional e colaboram para novos processos do ensino de Arte. Nesse sentido, é importante pensar o material didático-pedagógicos como proposições de incentivo a criação, com condições para experienciar e construir conhecimentos em arte.

Como apresentado na pesquisa do professor Geraldo Loyola sobre materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte, pode-se compreender que os materiais didático-pedagógicos em Arte é como uma faísca de um incêndio. Pode ser composto por diversos materiais, e ao mesmo tempo por nenhum, pode ser dentro da própria sala de aula, composto pelo espaço físico e/ou alunos ou pela ausência de ambos. Pode estar no conjunto de ações, na fala do professor e/ou aluno, em imagens ou no próprio ambiente. Pois entende-se que os materiais didático-pedagógicos são a provocação, o pensamento, o questionamento que proporciona as experiências pelos alunos em arte. Cabe ao professor com seus conhecimentos prévios, sua atuação artística e prática pedagógica, direcionar aos alunos as proposições que os levem ao pensamento e ao fazer artístico, pois os materiais didático-pedagógicos são um componente na atuação do professor no ensino-aprendizagem em arte.

4. Proposições para a construção de conhecimentos no ensino/aprendizagem em Arte

Segundo Freire (1996, p.21) “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Assim, ao propor trabalhar determinado conteúdo por meio de algum material didático-pedagógico, podendo este ser produzido pelos próprios alunos, o professor estará estimulando-os para que exercitem seu raciocínio, sua imaginação, tenham indagações, sejam críticos e reflexivos. Então, como um mediador de aprendizagem, o professor cria possibilidades para que os próprios alunos desenvolvam seus conhecimentos, muitas vezes de forma autônoma.

A construção de conhecimentos estético/artísticos pelos alunos pode acontecer por meio de proposições, ideias e vivência de artistas nos materiais didático-pedagógicos apresentados pelo professor. As experiências, produções e obras dos professores podem também auxiliar no desenvolvimento de novos materiais didático-pedagógicos, assim como nas propostas de aulas e discursões sobre arte.

As obras e artistas contam sobre a sociedade, modos de pensar e agir de cada época. Assim, contribuem para a significância da história e as marcas nela deixada. Para o componente curricular Arte, a História da Arte revela uma parcela de conhecimento dentro do ensino-aprendizagem em Arte.

Em muitas realidades vivenciadas pelos alunos, conhecer determinados artistas apenas ressalta a discrepância igualitária existente na sociedade atual. Desta forma, faz-se necessário que sejam apresentados artistas que sejam condizentes com o perfil dos alunos, com as demandas sociais e costumes dos alunos e da escola; artistas que podem ter reconhecimento local, nacional ou mundial, dependendo do contexto apresentado ao aluno.

Pelas várias possibilidades oferecidas na criação de materiais didático-pedagógicos, o professor consegue utilizá-los em diversas áreas e o ensino pode ser mais significativo. Desta forma, o interesse aqui não é criar modelos ou impor soluções, mas oportunizar conexões novas, criativas, que possibilitem auxiliar nas experiências e nas pesquisas sobre o ensino-aprendizagem em Arte.

Além dos referenciais artísticos e teóricos, para embasar as criações e reflexões há a aproximação com algumas produções artísticas que ativam a participação do

público e despertam a imaginação e o senso crítico. Alguns trabalhos são concebidos como objetos propositores para intensificação de uma experiência.

Um exemplo de imagem que provoca atenção e curiosidade, por usar materiais naturais como folhas, galhos ou pedras encontradas no próprio ambiente executor é o trabalho intitulado *Magical Land Art*, 1990, de Andy Goldsworthy:



Figura 1. *Magical Land Art*, 1990. Andy Goldsworthy.³

³ *Magical Land Art*, 1990. Andy Goldsworthy. Fonte: <<https://www.awesomeinventions.com/outdoor-art-andy-goldsworthy/>>. Acesso em 03/01/2020.



Figura 2. Magical Land Art, 1990. Andy Goldsworthy.⁴



Figura 3. Magical Land Art, 1990. Andy Goldsworthy.⁵

⁴ Magical Land Art, 1990. Andy Goldsworthy. Fonte: <<https://www.awesomeinventions.com/outdoor-art-andy-goldsworthy/>>. Acesso em 03/01/2020.

A Land Art permite, por meio de materiais encontrados no próprio ambiente, a construção de conhecimentos estético/artísticos pelos alunos em qualquer realidade apresentada, uma vez que eles oferecem múltiplas possibilidades de criação e contextualização artísticas. O uso de materiais advindos do próprio ambiente instiga a imaginação, a sensibilidade afetiva e estética, o raciocínio, a percepção visual e espacial, entre outros aspectos.

Ao apresentar um conteúdo imagético como o exemplo acima, tanto a *Abordagem Triangular* quanto a *Cognição Imaginativa* acrescentam no desenvolvimento de proposições para material didático-pedagógicos. Por meio da *Abordagem Triangular*, o material apresenta contexto ambiental onde o artista, obras e estilo estético são apresentados aos alunos para pensar ações ligadas ao lugar de onde vieram e estudam.

O exemplo do artista Andy Goldsworthy, visto dentro da *Abordagem Triangular*, abre preceitos para que o material didático-pedagógico não seja apenas um passo a passo a ser seguido pelos alunos, para que tenham abrangência no ensino-aprendizado, mas para que tenham experiências cognitivas no ensino-aprendizado em Arte e de percepção e apreensão do lugar onde vivem. Possibilita, portanto, o desenvolvimento no processo de conhecimento artístico e social dos alunos.

Outro exemplo é, o trabalho intitulado *Lixo Extraordinário*, 2010 de Vik Muniz:

⁵ Magical Land Art, 1990. Andy Goldsworthy. Fonte: <<https://www.awesomeinventions.com/outdoor-art-andy-goldsworthy/>>. Acesso em 03/01/2020.



Figura 4. Impressão fotográfica final de Tião, intitulada “Marat / Sebastiao - Imagens de Lixo” Fotografia de Vik Muniz, cortesia de Vik Muniz Studio.⁶

⁶ Impressão fotográfica final de Tião, intitulada “Marat / Sebastiao - Imagens de Lixo” Fotografia de Vik Muniz, cortesia de Vik Muniz Studio. Lixo Extraordinário, 2010. Vik Muniz. Fonte: <<http://www.wastelandmovie.com/gallery.html>>. Acesso em 03/01/2020.



Figura 5. Impressão fotográfica final da Magna intitulada “A Cigana Magna - Imagens do Lixo” Fotografia de Vik Muniz, cortesia de Vik Muniz Studio.⁷



Figura 6. Fabio e Tião apontam para retrato de Marat (Captura de tela) Arte cortesia de Vik Muniz Studio.⁸

⁷ Impressão fotográfica final da Magna intitulada “A Cigana Magna - Imagens do Lixo” Fotografia de Vik Muniz, cortesia de Vik Muniz Studio. Lixo Extraordinário, 2010. Vik Muniz. Fonte: <<http://www.wastelandmovie.com/gallery.html>>. Acesso em 03/01/2020.

Lixo Extraordinário, de Vik Muniz, é um documentário de 2010 que apresenta o trabalho do artista plástico brasileiro com catadores de material reciclável em um dos maiores aterros controlado do mundo localizado no Jardim Gramacho, bairro periférico de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil.

O artista fotografa o trabalho dos catadores de material reciclável e, depois, com o próprio lixo reciclável, transforma a imagem em uma reprodução de uma obra de algum artista mundialmente conhecido. Com uma realidade oposta à obra que as inspirou, o trabalho nas imagens criadas em *Lixo Extraordinário*; apresenta a vida dos catadores que dependem do lixo para sobreviver e também chama a atenção para os problemas sociais, ambientais e das condições de trabalho deles. Vik Muniz produziu seis quadros, sendo que um deles, com a imagem de Tião, foi vendido em um leilão em Londres por R\$ 74 mil. Toda a renda foi revertida para a Associação de Catadores do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho (WALKER et al, 2010).

O documentário *Lixo Extraordinário* instiga como ideia a criação de diversas possibilidades de materiais didático-pedagógicos, não somente dentro do contexto do artista Vik Muniz, mas correlacionado a outros componentes curriculares e também a outros artistas. Assim entende-se que, o próprio documentário é também um objeto propositor. Utilizado dentro da *Abordagem Triangular*, como objeto contextualizador, o documentário pode ser a base para a execução da prática pedagógica. Não necessariamente o documentário será usado na instância inicial como já mencionado no capítulo 1, mas articulado de acordo com o contexto da tarefa proposta pelo professor. Compreende-se que o exemplo apresentado, mostra-se mais de uma proposta para proposições em Arte. Uma a partir do conteúdo apresentado pelo documentário, e outra sendo o próprio documentário como objeto propositor.

A sugestão artística de Vik Muniz, em sua simplicidade, compreende questões sociais e ambientais e apresenta uma realidade mascarada da sociedade atual.

Assim, para o desenvolvimento de materiais didático-pedagógicos tendo como exemplo o documentário, veem-se várias possibilidades acerca do uso de materiais recicláveis, materiais descartados ou sem uso aparente. Materiais que dentro de seu

⁸ Fabio e Tião apontam para retrato de Marat (Captura de tela) Arte cortesia de Vik Muniz Studio. *Lixo Extraordinário*, 2010. Vik Muniz. Fonte: <<http://www.wastelandmovie.com/gallery.html>>. Acesso em 03/01/2020.

contexto inicial são considerados lixo, mas com proeminência de uso no ensino-aprendizagem de arte e com a principal ideia a utilização para composição de conhecimentos em arte, e não somente o foco no uso de materiais por serem recicláveis. Estes podem acompanhar outros componentes curriculares, visarem questões ambientais, mas também podem apenas ter cunho estético.

Dentro da *Abordagem Triangular*, os materiais didático-pedagógicos feitos tendo como base as obras do documentário *Lixo Extraordinário*, podem ser contextualizados, tanto no próprio documentário, quanto nas questões sociais e ambientais do lixo. Desta forma, o fazer artístico pode ser apresentado na utilização diversa do uso de materiais recicláveis ou descartáveis. Assim como, a apreciação pode ser dos trabalhos realizados ou de profissionais que utilizam estes materiais em suas obras. Logo, como ideia de material didático-pedagógico, o documentário permite uma grande variedade de possibilidades de criação, as quais, levando em consideração a realidade apresentada pelos alunos, permitem, além da estética dos trabalhos, a abertura para questionamentos sociais e ambientais.

Os exemplos citados apresentam ideias e proposições que auxiliam na criação e desenvolvimento de materiais didático-pedagógicos, sem custo financeiro e adaptável em diversas realidades apresentadas pelos alunos.

A potencialidade pedagógica dos materiais para a aprendizagem dos conteúdos abordados depende mais do professor do que dos materiais físicos. Os exemplos apresentados servem de ideias para proposições de materiais didático-pedagógicos que, aliados aos conhecimentos dos professores, viabilizam experimentações e construção de conhecimentos em Arte. Visto que, não somente o material irá propiciar conhecimento e questionamentos estéticos, mas por meio deste o professor pode alcançar com os alunos uma maior expressividade e cognição artística, auxiliar na construção do ser do aluno, como perceber o mundo e como utilizar-se deste conhecimento para desenvolver diversas situações da vida social.

5. CONCLUSÃO

Por meio da arte, o homem pode se expressar, deixar sua marca no mundo, criar questionamentos, reivindicar, mudar a perspectiva dos outros, evidenciar sentimentos. A expressão de pensamentos e sentimentos são traduzidos, em desenhos, pinturas, esculturas, entre outros; todos feitos a partir da fruição estética e pensamento crítico.

No estudo apresentado, pode-se perceber há possibilidades na construção de materiais didático-pedagógicos e que a experiência, vivência dos professores, contribui positivamente na construção do conhecimento dos alunos. Apresenta que o material por si só pode não levar a experiências significativas, mas, associados a proposições de criação, agem como um fio condutor para gerar questionamentos e ações artísticas pelos alunos.

Os aspectos teóricos fundamentais para o ensino-aprendizagem em Arte, apresentados como a *Abordagem Triangular* e a *Cognição Imaginativa*, permitem que o aluno tenha a possibilidade de expressar suas manifestações artísticas de várias maneiras, aprendendo e se desenvolvendo cognitivamente.

Os materiais didático-pedagógicos devem ser vistos para além do livro didático, como objetos propositores que incentivam a criação, com condições para experienciar e construir conhecimentos em arte e que o professor pode alcançar com os alunos uma maior expressividade e cognição artística.

Assim, artistas como os apresentados auxiliam professores na construção de seus materiais didático-pedagógicos, proporcionando que os professores direcionem seus conteúdos e práticas em cada realidade que encontrar.

Conclui-se que ao apresentar ideias e proposições, este estudo possa gerar discussões e ideias na elaboração de materiais didático-pedagógicos voltados para cada realidade vivenciada pelo professor, contribuindo para pensamentos e, criações estético-artísticas no componente curricular Arte.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Thayanne E. T. de, PEREIRA, Louise S.G., SILVA, Riviane S. de L. *A importância do uso dos materiais didáticos adaptados no processo de ensino e aprendizagem de educandos com deficiência visual no IERC-RN*. 2015. Revista Includere, Mossoró, v. 1, n. 1, p. 215-218, Ed. Especial. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/4604>. Acesso em 12/12/2019.
- BARBOSA, Ana Mae. *Ensino de arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular*. *Comunicação & Educação*, 1995 (2), 59-64. Acesso em 20/11/2019. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i2p59-64>
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte. 1998.
- CENSO Escolar (Brasil). Disponível em: <[www.http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos](http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos)> Acesso em 10/12/2019
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. & HORTON, M. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.
- HOFSTAETTER, Andrea. *Possibilidades e experiências de criação de material didático para o ensino de artes visuais*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Comitê de Educação em Artes Visuais*. 24º Encontro da ANPAP. 2015. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/andrea_hofstaetter.pdf>. Acesso em 19/12/2019.
- HOFSTAETTER, Andrea. *Criação de material didático em artes visuais: dispositivos sensíveis para a proposição de experiências de aprendizagem*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Comitê de Educação em Artes Visuais*. 26º Encontro da ANPAP. 2017. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/EAV/26encontro____HOFSTAETTER_Andrea.pdf>. Acesso em 19/12/2019
- LOYOLA, Geraldo Freire. *PROFESSOR-ARTISTAPROFESSOR: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte*. Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/EBAC-A9GJ98>. Acesso em: 13/06/2019
- LIXO Extraordinário. Direção de Lucy Walker, Karen Harley, João Jardim. Reino Unido/Brasil: Almega Projects e O2 Filmes, 2010. 1DVD (99 min.).
- LOYOLA, Geraldo Freire. *Abordagens sobre o Material- Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais- EBA- UFMG*. Duração: 12min05s. Direção: Filipe Carijo e Geraldo Loyola. Produção: Innovatio - Laboratório de Arte e Tecnologias para a Educação UFMG/EBA/CEEAV. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eJ_m2DVeQvs>. Acesso: 09/12/2019.
- LOYOLA, Geraldo Freire; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *O Laboratório-Ateliê: elaboração de materiais didáticos para o ensino/aprendizagem em Arte*. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v.7, n.14: nov.2017. Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

PAIVA, Edgar; ANDRADE, Fabrício. *Metodologias de Ensino em Artes Visuais - CEAD - EBA - UFMG*. Innovatio Laboratório de Artes e Tecnologias para Educação. Duração: 12m14s. Direção: Edgar Paiva e Fabrício Andrade. Produção: Innovatio - Laboratório de Arte e Tecnologias para a Educação UFMG/EBA/CEEAV. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bOF4CKCISy4&feature=youtu.be>>. Acesso em: 14/11/2019.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *A Cognição Imaginativa na formação de professor@s/artistas – Experiências em diálogo*. In: XXVI CONFAEB, Boa Vista, p11-75. Novembro/2016. Disponível em: <http://ufrbr.br/confaeb/index.php/anais/category/6-mesas-redondas?download=57:1-a-cognicao-imaginativa-na-formacao-de-professor-s-artistas-experiencias-em-dialogo>. Acesso em 13/06/2019.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Cognição Imaginativa*. PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG, 3(6), 96-104. 2013. Disponível em: <<https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/118>>. Acesso: 13/06/2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; BERNARDES, Rosvita Kolb. *Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas*. In *Pro-Posições*, v.26, n.1, p.161- 178 jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103730720150001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10/11/2019.